

# O FOLHETIM

## PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côte ..... 1\$000  
Para as Provincias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
no 1.º de cada mez

### A BASTARDA

#### SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XVIII

NA PRISÃO

O promotor publico tinha cumprido escrupulosamente a promessa que fizera a Luciano, no dia da sua entrevista com o moço.

Todas as manhãs, um portador levava ao castello de Vezay noticias do conde.

Esses boletins diarios, tão satisfactorios o quanto possivel em tão deploravel situação, annunciavam que a saude do Sr. de Vezay se mantinha melhor do que elle esperava.

Robustecido com a sua innocencia, o velho confiava, — dizia elle, — na justiça dos homens, — e em falta desta, na de Deus, juiz supremo que não se engana e a quem jamais se illude.

Essas noticias levavam alguma esperança e consolação á triste Magdalena.

Quanto á felicidade promettida pela abençoada união dos dous esposos, parecia irremissivelmente despedaçada para todo o sempre.

Luciano não tinha podido occultar a Magdalena qual era a accusação fatal cujo peso esmagava o Sr. de Vezay.

Interrogado com persistencia por sua mulher ácerca das terriveis palavras de Joanna Caillouet: — « O senhor acaba de casar com sua irmã!... » — Luciano tivera que responder.

Em meio das trevas sinistras amontoadas em torno dos factos consummados, tivera de fazer brilhar aos olhos de Magdalena o duvidoso e ameaçador clarão que as illuminava aos seus proprios olhos.

Magdalena tinha lido as cartas da condessa

Margarida, — sua mãe!... — tinha comprehendido tudo!...

Ser-nos-hiam necessarias muitas paginas, — careceriamos principalmente de uma penna muito mais eloquente do que a nossa, — para exprimir dignamente o que se passou na alma e no coração da infeliz moça, em presença daquella tremenda realidade.

E' emprehendimento demasiado superior ás nossas forças; renunciemos a idéa tental-o.

Digamos apenas que Magdalena, assustada por vêr que o seu amor por Luciano não se extinguia, depois da descoberta do segredo que tornava esse amor infame na sua propria opinião, queria separar-se de seu marido.

Propôz a Luciano que sahisse do castello de Vezay, onde a deixaria sozinha, e que voltasse para o seu dominio de Villedieu.

Propôz retirar-se ella propria para alguma comunidade religiosa e passar ahi o tempo todo que decorresse até o desfecho do processo.

Luciano não aceitou, nem uma, nem outra cousa.

Demonstrou a Magdalena que uma separação publica entre a filha do conde de Vezay e o filho do visconde de Villedieu seria, naquella occasião, a maior affirmacão, até certo ponto, da culpabilidade do Sr. de Vezay.

Concluiriam logo todos, effectivamente, e com apparencia de razão, que o filho da victima se afastava com horror da filha do homicida.

Antes de tudo, estava para Magdalena o interesse de seu pai.

Comprehendeu ella que Luciano tinha razão, e resignou-se a viver sob o mesmo tecto que aquelle irmão, ao qual, — cousa horrivel! — ella havia pertencido:

A começar, porém, daquelle momento, viveram juntos, não como irmão e irmã, mas como duas pessoas estranhas.

Encontravam-se unicamente nas horas das refeições, á mesa, em presença dos criados.

Evitavam — como outros tantos crimes vergonhosos, todo e qualquer encontro fortuito, toda e qualquer conversação accidental.

Não se trocou mais nem um olhar, nem um sorriso, nem um aperto de mão.

Assim, naquella suprema e incommensuravel dôr,



cujo pesado fardo uma falta, que não era delles, lhes havia imposto, nem se quer tinham a vulgar consolação dos desgraçados que encontram allivio para os seus males confiando-os um ao outro, compartilhando-os reciprocamente.

Deixemos de parte, por emquanto, o castello de Vezay e seus habitantes afflictos, e voltemos a Tours, a ter com um dos principaes personagens do nosso drama.

Os factos que imos apresentar aos leitores se passaram no dia seguinte ao da prisão; por conseguinte antes do comparecimento de Joanna Caillouet á presença do juiz de instrução Vachelet.

Não sabemos se aquelle logar de detenção provisoria onde conservam os presos durante o curso da instrução do processo, — logar que de costume faz parte do proprio palacio da justiça, — se chama em Tours, como em Paris, — *Conciergerie*.

Pouco importa, aliás.

Um dos quartos daquella prisão especial tinha sido dado ao conde de Vezay, por ordem do promotor publico.

Materialmente, a situação do velho era toleravel.

Moralmente, porém, as suas angustias eram daquellas perante cuja analyse recua a nossa fraqueza.

Conforme ouvimos o promotor affirmar-o, o Sr. de Vezay acreditava na justiça de Deus, — mas pouco confiava na dos homens.

Comquanto não fosse culpado, as mais aterroradoras apparencias, as mais irrecusaveis provas se amontoavam contra elle.

Sua innocencia era daquellas que não se podem provar.

Para qualquer lado que vovesse os olhos, não encontrava probabilidade alguma.

Uma unica pessoa sabia a verdade.

Era Caillouet.

E, quando mesmo Caillouet estivesse vivo ainda, quando mesmo Caillouet viesse depôr em seu favor, não lhe dariam credito.

A sua presença e a sua delicção não serviriam seguramente senão para fazel-o prender e condemnar como complice!

Dissemos algures que, entre os desastres de uma decrepitude physica, o Sr. de Vezay tinha conservado toda a firmeza de sua intelligencia, toda a sua lucidez de espirito.

Paralysadas momentaneamente por um golpe imprevisto e demasiado violento para forças humanas, essas duas faculdades reassumiram logo a plenitude de seu poder.

Durante a primeira noite de seu captiveiro, o conde reflectiu longamente, e reflectiu como homem.

Basta dizer que, por mais assustadora que fôsse a sua situação, a coragem dominou-a.

Depois da noite de 20 de setembro de 1820, o Sr. de Vezay jamais havia perdoado a si proprio ter negado a Armando de Villedieu o perdão que este supplicava lhe concedesse antes de morrer.

— Estou expiando presentemente, disse elle consigo mesmo, essa culpa que ha vinte annos me atormenta! quiz vingar-me por mim mesmo... e é sobre

mim que a vingança recae!.... fui desapiedado... serão desapiedados para comigo! é justo, e não devo queixar-me...

O conde disse consigo mesmo tudo isto; e naquella alma serena e realmente grande, não tardou que a resignação succedesse ao desespero.

Havia, porém, uma cousa a que a Sr. de Vezay não podia submeter-se: era a mancha indelevel que um processo criminal ia imprimir no nome dos seus avós, — era principalmente o golpe descarregado na felicidade de Luciano e de Magdalena.

— Deus do céu! murmurava o conde, se Luciano acreditasse tambem que eu assassinei seu pai!... se me votasse um odio em que envolvesse a minha pobre Magdalena, sua mulher!... Porém não! é impossivel! Luciano me conhece... sabe perfeitamente que não sou, que não posso ser um assassino!... E, demais, ve-lo-hei, contar-lhe-hei tudo... elle acreditará nas palavras de um ancião... não punirá Magdalena por uma falta que não é sua!...

Uma outra preocupação mais inquietava o espirito do Sr. de Vezay; ao lado, porém, dos tormentos que acabamos de indicar, essa preocupação era secundaria.

Eil-a:

Em vão perguntava o conde a si proprio por quem tinha elle sido denunciado; em que termos? — com que fim? — como era que acontecimentos tão antigos, conhecidos unicamente por elle e Caillouet, tinham chegado ao conhecimento de uma terceira pessoa, e como era que as chaves dos subterraneos funerarios se haviam achado em poder do accusador?

Quanto mais o Sr. de Vezay pensava nessas perguntas, mais se condensavam as trevas em seu espirito.

Accrescentemos que elle acreditava, mais que em outra qualquer cousa, na absoluta dedicação do ex-couteiro, e que jamais se lhe apresentára ao espirito a possibilidade de ser trahido por este ultimo.

No dia seguinte, ao meio-dia, a porta do quarto onde estava detido o Sr. de Vezay abriu-se com ruido.

Tres pessoas se apresentaram á entrada: um dos guardas da prisão e dous policiaes.

Vinham estes buscar o conde para conduzirem-no ao gabinete do magistrado superior.

— Senhores, perguntou o conde aos guardas com alguma emoção, vão conduzir-me entre os dous?..

— Vamos.

— Não acham que um só seria mais que sufficiente para acompanhar-me?

— Não.

— Dou-lhes a minha palavra de honra em como não farei a menor tentativa de evasão...

Os guardas nem se quer responderam.

Realmente, não valia a pena!...

A palavra de honra de um preso accusado de assassinato!... Ora, pois não!...

O Sr. de Vezay estava a zombar delles!

Nada havia que esperar daquellas inflexiveis machinas da disciplina.

(Continúa no proximo numero.)



## O THESOURO DOS ASSASSINOS

## IV

## A BAHIA DE CAYENNA

(Continuação.)

—Ora esta!—resmungou Rigaut, franzindo os sobrolhos.—Isso não são maneiras de receber um amigo de seu pai!

—Não vê que elle o não pôde entender?—acudiu Josephina.—Ora pois, Sr. Rigaut, que noticias nos dá de meu pai?

—E eu sei delle? Separaram-nos ha tres mezes e talvez que durante a minha estada na ilha Real o mandassem para o interior do paiz. Isso, porém, pouco importaria a Bertomy: comtanto que tenha um baralho de cartas no bolso e que possa jogar a sua ração com o primeiro que lhe appareça, todos os logares lhe convêm.

—Valha-me Deus!—exclamou Josephina dolorosamente.—Não estará meu pai em Cayenna? Nesse caso não o poderei já ver hoje, como tanto desejava!

—Não lhe faltará occasião de o ver. Posto que nós outros não temos a liberdade de passearmos de bengala na mão, nem por isso ha difficuldade em sermos encontrados. Mas não é ahi que bate o ponto, minha riquinha; agora trata-se de me salvar, evitando que os guardas dos galés me deem a unha.

—E como conseguir isso?

—Havendo bons desejos, é facil imaginar alguma estrategia. Dêem-me um fato de marujo: sei desfigurar o rosto; passarei como homem da tripolação. Não faltam estratagemas; o caso é saber aproveitá-los.

—Esperemos a resolução do capitão Grandval.

—Adeus! Tenho visto que elle se subordina á sua vontade—disse Rigaut com riso sarcástico—e estou certo de que não é capaz de a contrariar.

Josephina, fazendo-se córada, balbuciou:

—Engana-se, senhor. O capitão Grandval é para commigo um protector, um verdadeiro amigo; todavia existe um meio seguro de grangear a benevolencia delle.

—Qual é?

—Creio que está ao seu alcance indicar onde se acha o testamento de Jeronymo Guerinot e de que o tabellião de Bolbec era portador na occasião do... sinistro.

A physionomia de Rigaut tornou-se sombria.

—Com mil diabos! Bertomy tagarelou!—disse elle com ar enfurecido.—Sempre teve aquella lingua comprida!...Vamos, supponha que eu respondi affirmativamente.

—Se o senhor me diz onde se acha aquelle testamento, creia que o capitão não perderá meio algum de o subtrahir ás pesquisas das autoridades.

—E que interesse da sua parte e da delle anda ligado a esse negocio?

Josephina conheceu o perigo de revelar os seus segredos a tal homem.

—Um simples interesse de justiça—replicou ella.—A desapparição desse papel causou gravissimos transtornos a uma familia...

—Bom! Ahi ha mais ou menos...mas, emfim, faça o que pudér em meu beneficio, e depois veremos.

—Oh! meu Deus! Já lhe disse, Sr. Rigaut, que por mim nada posso, porém quando o Sr. Grandval souber...

—Eu é que não me fio delle! E' um falso que me quer denunciar, se o não fez já, com todos os diabos!

Esta ultima exclamação tinha por causa um ruido de vozes e passos que elle sentia aproximarem-se rapidamente. Muitos pessoas davam entrada naquelle recinto: além de Grandval, vinham um sub-commissario de marinha fardado e um official de infantaria, commandante da guarda dos galés, e na retaguarda alguns marujos do *Prosperidade*, requisitados sem duvida para prestarem auxilio no caso de necessidade,

Rigaut tornou-se livido.

—Bem dizia eu que o tratante me vendêra!

E, agarrando n'um pé de cabra, avançou para Grandval; porém não contava com Miguel Bertomy, que lhe espiava os movimentos e que facilmente o susteve. Então o commissario, sorrindo-se, disse:

—Se nos restasse alguma duvida sobre a identidade deste homem, deixava agora mesmo de existir, porquanto elle proprio acaba de se denunciar.

—Mas a mim não me resta nenhuma,—acudiu o official, porque reconheço nelle perfeitamente o calceta Rigaut, que esteve sob a minha guarda.

Este, vendo a inutilidade de qualquer negativa ou resistencia, deixou-se manietar sem pronunciar uma palavra,

—Ah! Pedro! o que foi fazer!—disse Josephina baixinho a Grandval.—Eu ia talvez resolvel-o a revelar-me...

—Não estava na minha mão occultal-o, redargui-lhe este igualmente.—Ainda agora, quando subi ao convéz, já estes senhores sabiam pelo piloto da presença a bordo do supposto naufrago, e exigiram que lh'o apresentasse. Qualquer opposição da minha parte seria uma loucura.

Entretanto o brigue aproximára-se de terra e ia lançar ferro na enseada.

Os officiaes de marinha, depois de haverem trocado algumas palavras com o capitão ácerca



das formalidades que lhe competia observar, dispunham-se a retirar-se com o preso, quando Josephina, aproximando-se do commissario, lhe perguntou submissamente:

— O senhor tem a bondade de me dizer se o degradado Bertomy ainda se acha em Cayenna?

— Bertomy? — repetiu o commissario, virando-se para outro official, que de certo estava mais ao facto dos promenores do serviço. — Que interesse lhe poderá merecer esse degradado?

— O de ser meu pai.

O commissario ficou extatico na presença desta formosa moça, cuja physionomia denunciava a mais ingenua pureza, e fez um gesto que parecia querer dizer:

— Que pena!

— Bertomy? — interrompeu o official de infantaria, como quem recorria á sua reminiscencia. — Deve ser o n. 622, um jogador eterno, que é preciso vigiar incessantemente, porquanto é até capaz de jogar o chapéo e os tamancos, se lhe derem occasião. Fôra disso, não ha ninguem mais obediente. Effectivamente ha uns dez dias que partiu em uma leva de galés para a penitenciaria de S. Lourenço, nas margens do rio Maroni.

— Partiu? — exclamou Josephina contristada.

— Oh! não se afflija, minha senhora, — redarguiu o commissario benevolamente. — Dentro de oito dias parte para alli um barco a vapor, em que poderá tomar passagem. No palacio do governador poderá solicitar a precisa autorização. No fim de tudo, a demora é apenas de uma semana.

Emquanto os dous funcionarios fallavam particularmente entre si, a moça aproximou-se de Rigaut e deixou-lhe escorregar furtivamente entre as mãos a sua parca bolsa!

— Tenho comprehendido, minha bella! — disse o galé, fazendo ao mesmo tempo desaparecer a bolsa com a maior destreza. — Quer fazer-me a boca doce, mas é preciso que eu entre no fio do negocio para me deixar escorregar. Quanto a este Judas do capitão, ou me hei de vingar ou o inferno me ha de tragar!

Grandval encolheu os hombros com desprezo.

— Sr. Rigaut, — proseguiu Josephina — dou-lhe a minha palavra que elle não teve a menor culpa... Além de que, estou certa de que não hão de deixar de ter em consideração os crueis soffrimentos por que passou nestes ultimos dias para o fim de lhe minorarem a pena em que incorreu.

— O castigo está marcado na lei e esta é inexoravel — acudiu secamente o commissario.

— O que me hão de fazer? — redarguiu Rigaut com o seu rude cynismo. — Condemnado, como estou, a trabalhos forçados por toda a vida, creio bem que não me poderão aggravar a pena. Poderão recorrer ao calabouço e aos cincoenta açoutes applicaveis aos desertores, porém a esse respeito veremos ainda como isso será!

— Pois sim, veremos como isso ha de ser, mas por agora deixemo-nos de mais fanfarronadas — interrompeu o official.

O degradado, dirigindo-se a Josephina, disse-lhe:

— Agora começo a comprehender o fim da sua vinda aqui. Ainda agora apalpou-me cuidadosamente para me tirar do bucho alguma cousa a respeito dos taes papeis, mas nada conseguiu. Conta talvez com a intervenção da mosca atordoada de seu pai para esse fim; coitado d'elle, porém, se ousar revelar um segredo que me pertence!

— E elle sabe alguma cousa? — perguntou a moça sem poder dissimular a sua alegria.

Rigaut, mordendo os beiços de raiva, replicou:

— Talvez, mas eu prohibo-lhe, entende? Prohibo-lhe de confiar esse segredo a quem quer que seja!... Uma palavra qualquer que elle pronuncie a esse respeito, sabel-a-hei logo, e então que se livre de mim! Mesmo na presença dos guardas matal-o-hei, dê por onde der! Sim, matal-o-hei tão certo como ha de existir o dia de amanhã! Saiba que eu nunca faltei á minha palavra... Agora adeus; não esqueça o que lhe digo.

Levaram-n'o e como para o corrigirem, iam-lhe jogando chufas e dando murros; elle, porém, conservava os seus modos altaneiros. Ao retirar-se, voltou-se ainda para Josephina repetindo-lhe:

— Hei de matal-o!

A pobre rapariga em resultado desta scena ficára como aniquilada.

— Pedro, Pedro! — dizia ella amparada por Grandval e seu irmão Miguel, que a conduziam ao camarote. — Receio bem que este homem nos seja fatal! Como hei de agora atrever-me a solicitar de meu pai a revelação do segredo?... Oh! Santa Virgem! vinde em meu auxilio!

(Continúa no proximo numero.)

## EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continnar a receber o *Folhetim* que a remessa da olha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.